

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Exercícios com a paisagem ou como atentar para o que nos cerca

Ana Beatriz Campos Vaz
E.E.E.M.Frei Plácido

Ana Lúcia Pereira Ferreira de Quadros
IFSul Câmpus Bagé - RS. Brasil

Resumo: Neste escrito dedicamos uma atenção diferenciada à paisagem ao ampliar o endereçamento do olhar para o que nos cerca. A arte contemporânea foi elencada por sua disponibilidade em lidar com múltiplas ações que retiram os pequenos eventos de sua condição de esquecimento. Assim, atos como andar e olhar para o redor, de forma despretensiosa, pode servir de mote para que se veja o muitas vezes visto, porém não olhado. Amparadas em autores como Anne Cauquelin, Alfredo Bosi, Karina Dias, entre outros, construímos o que é trazido para referendar as propostas que foram desenvolvidas em duas redes de ensino por pesquisadoras/professoras, que têm na arte contemporânea, as questões de suas pesquisas.

Palavras-chave: Paisagem; Arte contemporânea; Exercícios do olhar.

Este texto reúne propostas de trabalho que foram realizadas por duas pesquisadoras/professoras, em duas redes de ensino, uma na esfera estadual[1] e outra no âmbito federal[2]. Com turmas de alunos de 8º ano do ensino fundamental e com alunos do ensino médio, do segundo semestre do curso técnico integrado de Informática, o quefazer teve andamento. O trabalho integra as nossas pesquisas com a arte contemporânea em sala de aula, em que a paisagem, neste caso, foi elencada na busca de dedicar uma atenção diferenciada para o redor. Buscamos uma aproximação com esse gênero da arte por meio da ação de artistas que distinguem suas pesquisas ao ampliar a manifestação enquadrada pela moldura e que, de certa forma, tem garantida sua credibilidade através da pintura. Desse modo, a paisagem aparece em outras experimentações que têm uma relação direta no e com o local ao qual se destinam. De acordo com Cauquelin (2007) a pintura é

[1] Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido, em Bagé - RS- Brasil.
[2] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense do Campus Bagé.

uma referência para que tivéssemos aprendido a admirar um pôr do sol, por exemplo. Essas questões nortearam o trabalho.

Em sua gênese a paisagem era integrante da pintura como um adereço e, no momento em que adquiriu sua autonomia, como elemento principal, servia de substituto da natureza. Porque fora criada dentro de determinadas regras que a validavam e que de certo modo se viam guarnecidas pelas normas da perspectiva. Conforme Cauquelin (2007, p. 79) “[...] vemos quadros, não vemos nem podemos ver senão de acordo com as regras artificiais estabelecidas em um momento preciso, aquele no qual, com a perspectiva, nascem a questão da pintura e a da paisagem”.

Ou seja, o nosso olhar foi construído por todas essas bases que foram estabelecidas e com as quais nos acostumamos. Assim, o nosso olhar foi “educado”.

No seu livro *A invenção da paisagem*, Cauquelin (2007) relata sobre a sua construção de paisagem sendo afetada por tudo que recebeu de informação, através dos relatos de sua mãe, que conquanto não fosse consciente por ela, naquele momento, adquiriam o cunho de formação. Cauquelin expõe que a descrição de determinada cena, feita por sua mãe, com tamanha precisão de detalhes, que não obstante não lhe pertencesse, tratava-se de algo demasiado real. Haja vista, o instante em que refere: “[...] ‘luz de cinco horas da tarde’ [...] devo confessar que essa pausa ritual das cinco horas ainda cadencia o tempo para mim, como uma respiração repentinamente tornada possível.” (CAUQUELIN, 2007, p.24). Ainda segundo Cauquelin, as imagens referidas por sua mãe, também elas, foram frutos de uma construção “[...] percebia muito facilmente que o sonho de minha mãe não era nada de extraordinário, a projeção de um gosto fabricado ou a marca de certa cultura, de uma norma.” (CAUQUELIN, 2007, p.24).

Tais considerações foram elencadas para falar das construções de paisagem que temos e como tais construções esgotam o nosso olhar. Perguntados sobre o que era uma paisagem, os alunos de pronto respondiam, através de relatos orais ou imagéticos, descrevendo montanhas com pôr de sol, coqueiros entrelaçados, mar. Afinal, que paisagens eram essas, se, ao nosso redor sequer havia algum desses

elementos narrados por eles? Ou seja, imagens construídas por referências múltiplas, regadas de estereótipos com os quais foram acostumados. Assim sendo, o “olhar” foi erigido.

Com algumas questões, como etapa fundadora, a proposta de trabalho se desenvolveu. Os questionamentos eram: que paisagens temos a nossa volta? O nosso entorno é povoado por quais paisagens? Que paisagem vejo através da janela?

Cabe destacar que as etapas descritas no decorrer, não se fizeram em momentos idênticos nas duas instituições de ensino, embora tenham sido contempladas por ambas.

Após esse primeiro processo, baseado nos questionamentos discorridos acima, os alunos foram convidados a sair da sala de aula e passear pelo entorno. Nesse momento foi pedido que se desligassem dos fones de ouvido, os quais normalmente carregam consigo e, se possível, evitassem a saída ao lado de muitos colegas para assim poderem observar melhor. Poderiam fazer o registro através do celular bem como olhar e desenhar, enfim, o registro seria da forma que preferissem. O objeto no momento era o olhar.

Alfedro Bosi (1988) em *Fenomenologia do olhar* discute o olhar e a forma como foi tratado em diversos momentos. Refere que em outros idiomas há uma distinção maior, que em língua portuguesa, entre os vocábulos olho e olhar. O olho como órgão e o olhar como movimento em direção às significações. Nesse trajeto percorre o pensamento de autores que destacam ao olhar uma atenção que reflete o momento em que estão inseridos. Destaca o olhar fenomenológico de Merleau-Ponty em que há uma convivência entre dois mundos que não se excluem, no entanto se abraçam em suas diferenças. Ou seja, o que olha percebe o outro, e o que os separa serve de “[...] meio de comunicação.” (BOSI, 1998, p.82).

O olhar que dedica ao outro uma atenção diferenciada é destacado por Bosi a partir de Simone Weil em que aponta: “A atenção é também um olhar que age. [...] O olhar atento é em si mesmo, operante: trata-se do trabalho da percepção.” (BOSI, 1998, p.85).

Tais reflexões foram apropriadas por nós, para essa proposta, porquanto nos interessa justamente, tais operações com o olhar.

O olhar para a paisagem. A paisagem próxima, a qual, pela proximidade, não se mostra. Se a paisagem tem garantida pela pintura a sua apresentação ideal – conquista assegurada pelo tempo de construção da sensibilidade dos espectadores – muitos artistas contemporâneos, ao elegerem a paisagem como pontos de suas pesquisas, não trabalham em torno de uma forma que obedece a regras preestabelecidas. Pelo contrário, suas práticas se permitem questionar determinados conceitos, em que pequenas ações podem ganhar traços de importância, precisamente, porque no mais das vezes, tratam-se de situações que passam despercebidas, todavia podem ser distinguidas pelo olhar do artista.

A artista Karina Dias (2011) em *A prática do banal, uma aspiração paisagística* traz uma reflexão sobre a paisagem cotidiana e a sua presença recorrente em sua prática artística. Segundo a artista, na sua prática:

> [...] me posiciono como observadora que tenta *ajanelar* o cotidiano para, em seguida, como artista plástica, apresentá-lo de outra maneira. [...]. Minhas 'janelas' são os lugares das minhas paisagens, das minhas escolhas, são a medida do meu olhar. [...]. Cada trabalho se configura, portanto, como um cruzamento de vidas cotidianas, figuradas aqui como paisagens. (DIAS, 2011, p.3771).

Tal reflexão nos interessa pois trata da atenção diferenciada para o espaço que cerca a artista e para o qual destina uma nova mirada. Nesse sentido refere: "É preciso, então, dirigir o olho para aquilo que nos escapa [...]." (DIAS, 2011, p. 3782).

Conforme aludido por Karina Dias (2011) essa viagem por onde o olho normalmente não andaria, foi proporcionada pela saída da sala de aula no instante anteriormente mencionado. No momento em que retornaram para a sala de aula e narraram, através das imagens produzidas seguidas das complementações pelas palavras, pudemos perceber a riqueza que os diversos olhares trouxeram. Foram recortes de diversos pontos de vista permeados pelas subjetividades. Nas imagens destacadas abaixo, figuram registros dessas impressões. Cabe lembrar que sempre que um trabalho é proposto, no próximo encontro as produções são socializadas

para que a turma tenha acesso ao que foi produzido. Destacamos ser essa uma importante etapa do processo que se descortina em ambas as instituições de ensino.



Figura 1. Fonte: Fotografia de aluno



Figura 2. Fonte: Fotografia de aluno

Pelas imagens, percebemos o quanto pode ser rica uma simples saída da sala de aula. O quanto tem de construção nas imagens, mas ao mesmo tempo como estas são regadas pela subjetividade de quem as produziu. É pertinente ressaltar que tais alunos foram trabalhados dentro de um processo mais amplo, em outros momentos.

Porém, conforme relatado acima, as primeiras definições de paisagem elencadas por eles descreviam uma situação totalmente diversa das registradas nas figuras 1 e 2.

Em seu texto Karina Dias (2011) refere que se o cotidiano nos faz prisioneiros, a paisagem nos desprende, e tal relação pode ser restabelecida nas imagens destacadas acima.

> Logo, a paisagem cotidiana é composta por uma multiplicidade de detalhes anódinos que se revelariam a partir de uma visão indireta, uma visão que não se acomodaria ante um espaço que parece domesticado. É preciso, então, dirigir o olho para aquilo que nos escapa, em uma espécie de regulagem para ver o que se presenta diante de nossos olhos. Esse olhar atravessado nos coloca dentro e não apenas diante. (DIAS, 2011, p. 3782).

A paisagem cotidiana tantas vezes presente nas idas e vindas dos alunos pelo pátio da escola, ganha um destaque e sai de sua condição de fundo para emergir como protagonista por meio do olhar dos alunos.

Em outro momento foram apresentados trabalhos de artistas e sua relação com a paisagem. Foram trazidas imagens registradas em pinturas, em ocasiões históricas diversas, mas, o foco que nos interessava era endereçado à arte contemporânea. Artistas como Christo e Jeanne-Claude, Robert Smithson, Eduardo Srur, Karina Dias, foram trazidos para o debate na sala de aula. Esses artistas foram elencados por sua relação com a paisagem e, embora os processos de produção não sejam os mesmos, a conexão com o meio ao qual se desenvolvem, talvez seja o que os une. Se pensarmos sobre o trabalho de Christo e Jeanne-Claude, como no de Robert Smithson, os mesmos são processados em escala monumental. De acordo com Archer (2001, p. 96), “Smithson encontrou um modelo para uma prática

que iria resultar em algumas intervenções bastante grandes na paisagem." Porém, no caso de Smithson – *Molhe espiral, 1970* – foi realizado em local inacessível ao público, em que o registro fotográfico foi o que ficou como acesso à obra.

Os trabalhos de Eduardo Srur, tratados na sala de aula, foram reproduções que traziam um olhar diferenciado para determinados locais, refletindo uma preocupação com os aspectos referentes ao meio ambiente e às influências da ação humana na sua degradação. A esse respeito katia Canton destaca:

> O artista Contemporâneo Eduardo Srur fez instalações que nos confrontam com os grandes desastres contra a natureza. Primeiro, criou caiaques com homens-boneco percorrendo o que sobrou do rio Pinheiros. De longe pareciam gente. De perto eram rodeados de lixo [...]. No outro projeto Srur preencheu as margens do rio Tietê com garrafas pet gigantes. Monumentos deixados pela sociedade. (CANTON, 2011, p. 44-45).

Com referência à Karina Dias foram apresentas obras que trazem, se é que assim podemos dizer, um caráter mais intimista, em que a artista registra e apresenta paisagens em vídeo/projeção. Paisagem captadas em tempos diferentes e colocadas lado a lado, como se vistas através de uma janela. Trata-se aqui da obra *janela i 2009*. Outro trabalho da artista, que veio em sequência, traz um olhar que, ao invés de imagem do exterior, ou seja, a paisagem como o que acontece na natureza, Karina apresenta *Escalators*, realizada em 2006. De acordo com Karina Dias (2011, p.3780): "No vídeo *Escalators* (Escadas Rolantes), a paisagem é imaginada, pois podemos perceber a cidade (in)visível situada na superfície." Através desse trabalho, um elemento tão desprovido de intencionalidade – que não seja a sua função de uso – uma escada rolante ganha uma nova mirada, promovida pelo olhar da artista.

Os assuntos abordados pelos artistas e a forma como lidam com a paisagem foram trazidos para o debate. Após essa tarefa, os alunos foram estimulados a realizar uma intervenção na paisagem. Saíram novamente da sala de aula para re-olhar os lugares por onde haviam andado e realizado os registros anteriormente destacados e planejar a intervenção. O objetivo dessa ação era provocar um novo olhar para o lugar já visto e promover uma intervenção no mesmo, tendo como

referência as poéticas dos artistas apresentados. Para tanto, poderiam dispor do que quisessem para realizar o trabalho.

Na sequência são trazidas imagens que refletem esses momentos.



Figura 3. Fonte: Fotografia de aluno



Figura 4. Fonte: Fotografia de aluno



Figura 5. Fonte: Fotografia de aluno



Figura 6. Fonte: Fotografia de aluno



Figura 7. Fonte: Fotografia de aluno

Pelas imagens acima, pode-se perceber que houve uma relação com o local escolhido e uma nova significação foi dada ao lugar que elegeram. Se em outros momentos, esse lugar não era visto, ou melhor, era visto mas não percebido, ganhou uma nova possibilidade de existência. Nesse viés, esses locais foram transfigurados e como remete Dias (2011, p. 3773-3774): “[...] é o estatuto mesmo da visibilidade que se altera, pois camadas de sentido são acrescidas, em um contínuo ajustamento que, eventualmente, nos fará ver melhor o que se encontra ali diante de nós.”

Considerações finais

A intenção das ações descritas foi promover uma reflexão sobre a paisagem, ao gerar uma relação crítica e poética com a paisagem cotidiana muitas vezes vista, porém nunca olhada. Essa proposta dialoga com as questões da arte contemporânea pois, como propõe Bosi (1998), amplia o olhar como movimento em direção às significações.

Na ótica de Cauquelin (2007, p.110), "[...] revirada, a realidade não é mais exatamente a mesma: ela é duplicada, reforçada pela ficção". Em tal direção, as propostas de trabalho envolvendo a paisagem propiciaram criar novas visualidades a partir de um recorte do real. A paisagem selecionada foi ressignificada pelas ações dos alunos.

Nesse sentido a paisagem cotidiana inofensiva como remete Dias (2011), em que o cotidiano nos aprisiona, pode ser pensada de outro modo. Pois, como refere a autora: "No momento em que me desloco cotidianamente pela cidade, vou tomando posse dos instantes que se revelam singulares e a paisagem vai sendo construída." (DIAS, 2011, p. 3772-3773). A ação descrita por Dias (2011), pode ser trazida para este instante narrado em que, o olhar dos alunos para o entorno ganhou novas construções, que se materializaram através dos registros fotográficos realizados por eles. Portanto, a arte contemporânea, por sua disponibilidade em lidar com o cotidiano, pode nos despir dos preconceitos ao despertar o desejo de olhar com atenção - no caso aqui - para a paisagem já vista e poder ser surpreendido com essa nova mirada.

Referências

ARCHER, M. *Arte contemporânea*: uma história concisa; tradução Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção a)



BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto … [et al]. *O olhar.* São Paulo: companhia das Letras, 1988.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Martins, 2007. – (Coleção Todas as Artes)

DIAS, Karina. A prática do banal, uma aspiração paisagística. In: *Anais do encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas* [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (organizadores). – Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p.3771 a 3783.

CANTON, katia. *Museu Itinerante Ultragaz* – A arte perto de você. Livro de Estudos. Elaboração Katia Canton. 2011.